

Suinocultura, controvérsias da carne e a reorientação da criação de porcos entre agricultores do Médio Alto Uruguai (RS)

Autora: Sílvia Maria Poletti, graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Fronteira Sul.



Figura 1. Porcas gestando num dos pavilhões da granja UTL São José. Fotografia da autora, 12 de julho de 2019.

Durante o período entre maio de 2018 e julho de 2019 desenvolvi uma pesquisa etnográfica junto a agricultores e trabalhadores de granjas de uma empresa de suinocultura na região do Médio Alto Uruguai, noroeste do Rio Grande do Sul. Nesse contexto procurei compreender como esses agricultores vêm se adequando a um novo panorama de tarefas oriundas desse sistema de criação.

Nas últimas décadas houve um crescimento sem precedentes da demanda por carne, e o abate de porcos no Brasil passou de 2 milhões por trimestre em 1997 para 12 milhões no início deste ano (IBGE, 2020). Esse boom das exportações está levando empresas e cooperativas de suinocultura a se expandirem, abarcando as pequenas propriedades rurais que passaram a ter mais incentivo governamental para essa e outras formas de produção de animais e grãos para consumo humano em larga escala.

Em campo acompanhei o trabalho cotidiano dentro de dois criatórios suínocolos de diferentes tipos: (1) granja de Unidade de Produção de Leitão (UPL), onde ficam as chamadas “matrizes genéticas” para reprodução dos animais, e onde nascem os porcos que depois serão transportados para as Unidades de Terminação (UTs); (2) e o criatório de propriedade familiar conhecido como UT, que é para onde os animais são conduzidos após completarem a fase de crescimento dentro das granjas de reprodução.

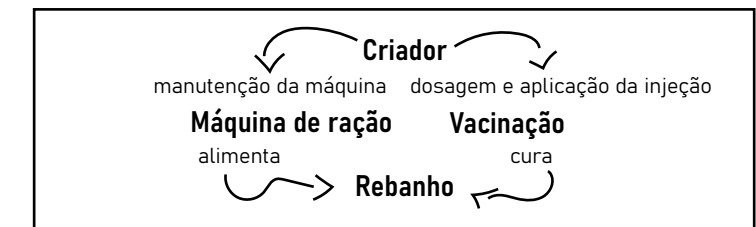
A característica do grupo com que convivi é que existem práticas de trabalho que envolvem a própria família e seu núcleo estendido (vizinhos e parentes), dentre elas a prática de roçados de mandioca, milho, cana-de-açúcar, arroz e feijão, e a criação de animais (galinha, porcos, bovinos) para a própria subsistência e para ganhar “alguns trocados” na cidade. Com o advento de políticas públicas de incentivo à inserção dessas famílias na matriz agropecuária nacional – mais conhecida como agronegócio –, os colonos vêm reinventando suas práticas agrícolas e se “integrando” a empresas e cooperativas.

Uma UT pode abrigar mais de mil porcos. Quando chegam nesses criatórios os suínos pesam sessenta quilos e depois de três meses saem pesando o dobro, o que gera desconfiança entre os criadores que não consideram o suíno “natural” e não comem da sua carne. Essa é a controvérsia que de maneira geral me guia.

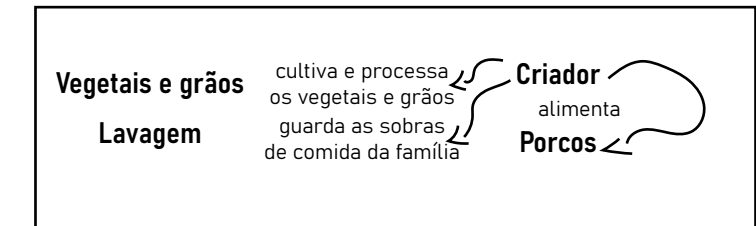
O trabalho nos pavilhões não corresponde às mesmas habilidades de uma criação doméstica de porcos e das atividades agrícolas empregadas em condições não-mercantis. Daí decorre um panorama de novas tarefas (INGOLD, 2015; BAILÃO, 2016) e alinhamentos que posicionam a criação de suínos numa escala diferente à da criação doméstica de porcos.

A suinocultura é descrita nos manuais de pecuária como a criação racional e intensiva que se utiliza de tecnologias de ponta para levar a cabo a produção intensiva de porcos (EMBRAPA, 2011). Um emaranhado de novas tarefas surge nessa prática de criação. A maioria delas é novidade para o criador e passaram a ser inseridas com a finalidade de dar cabo a esse tipo de atividade: limpar toda manhã as baias de criação – que, ao todo numa UT individual, são cinquenta (vinte e cinco de cada lado do criatório); controlar o dispositivo do sistema mecanizado de alimentação, o que consiste em ligar e desligar o motor que leva ração até os cochos de cada uma das baias; controlar os painéis de ventilação e aquecimento que significa atentar à temperatura do criatório, ou seja, em dias muito frios acender ou ligar a calefação (dependendo do sistema que se utiliza) e em dias quentes abrir e fechar as cortinas; vacinar os animais doentes e isolar os machucados; descarregar o lote que chega até o criatório a cada três meses, carregá-lo, e encher tanques de chorume (dejetos dos animais que ficam armazenados nas “piscinas” de tratamento de afluentes) vendidos para utilização em lavouras. Disso resulta que as atividades dentro dos criatórios são regulares e repetitivas (se assemelhando as atividades de trabalhadores fabris), e por essa razão os agricultores passaram a somente fazer a manutenção do espaço, sendo que na maioria das tarefas o trabalho de “criar” é transferido para a máquina que alimenta e as vacinas que curam.

Esquema 1. Criação de rebanhos de suínos. Feito pela autora.



Esquema 2. Criação doméstica de porcos. Feito pela autora.



Em vista disso, para os agricultores criadores de porcos o animal não é mais o mesmo quando passa a ser criado em criatórios suínocolos, de forma similar ao observado por outros antropólogos como Deturche (2019) com o trabalho de criadores de vacas leiteiras. Nas conversas que tive com os agricultores o fato da não comestibilidade da carne dos suínos surgia frequentemente, e nelas as referências de que os animais criados nos pavilhões são podres por dentro, cheiram mal e têm hormônios. Em suma: não podem ser comidos.

A relação entre o criador e o porco na criação doméstica, acontece através da ida até o chiqueiro para levar a lavagem – uma mistura de vegetais e sobras de comida –, em outros termos, criar um porco é preparar a sua alimentação. A plantação de roçados de abóboras, melancias, gramíneas, e os baldes de depósito de restos de alimentos humanos dentro de casa, constituem parte fundamental do processo de criação.

Sendo assim, criar um porco, no contexto da suinocultura, passa a não envolver mais o preparo dos alimentos, tampouco alimentá-los. O alimento é fornecido pela empresa e armazenado nos silos do plantel e quem alimenta são as máquinas. A recusa do suíno não pode ser entendida como algo insignificante. Mesmo parecendo ser o mesmo animal ao sair do criatório para o chiqueiro da família, sua carne segundo os agricultores é diferente. Em tal caso a criação doméstica de porcos configura uma “técnica tradicional eficaz” (MAUSS, 2003, p.407), existindo a partir dela práticas sociotécnicas que se mantêm e se reinventam diante da inserção de outras técnicas de criação.

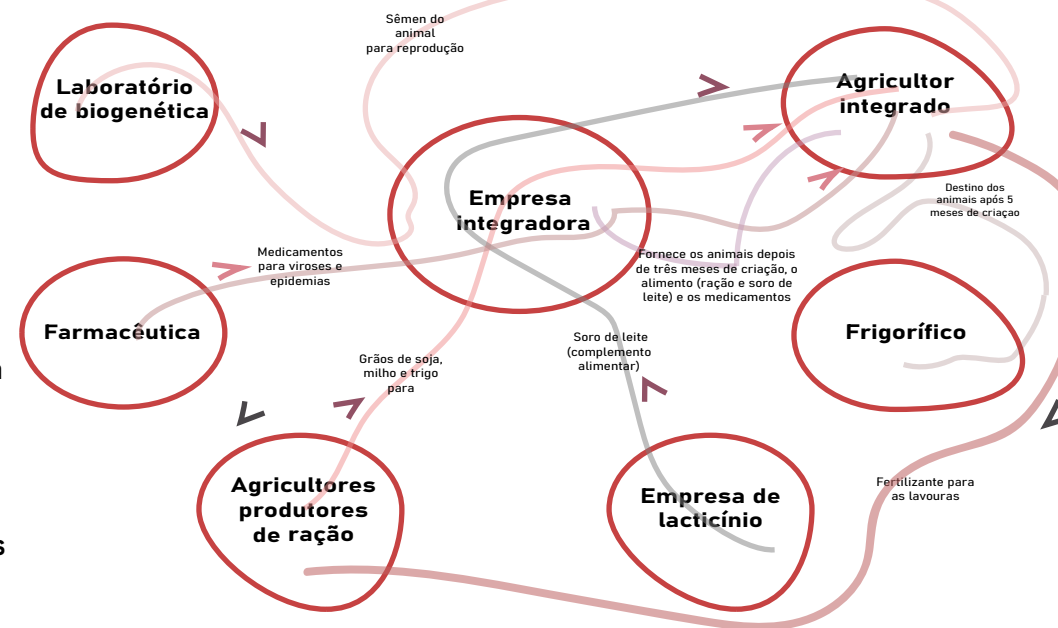


Figura 2. Alinhamentos do sistema de criação de suínos. Feito pela autora.

Referências Bibliográficas

- BAILÃO, A. Paisagem – Tim Ingold. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2016. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/paisagem-tim-ingold>. Acessado em: 21 set. 2019.
- DETURCHE, J. “It’s no longer the same job”: robotization among breeders and dairy cows. Revista Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology, Brasília, v.16, 2019.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). Manual Brasileiro de Boas Práticas Agropecuárias na Produção de Suínos. Brasília, Brasília: ABCS; MAPA; Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 2011.
- INGOLD, T. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. Estatística da produção pecuária: séries históricas. Brasília: IBGE, 2020.
- MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Editora Cosaq Naify, 2003.